

A REPRODUÇÃO DO PENSAMENTO MISÓGINO E HOMOFÓBICO DE JAIR BOLSONARO PELA MÍDIA MAINSTREAM BRASILEIRA¹

THE REPRODUCTION OF JAIR BOLSONARO'S MISOGYNISTIC AND HOMOPHOBIC THINKING BY THE MAINSTREAM BRAZILIAN MEDIA

Ana Gabriela Guerreiro Leite²

Resumo: Eleito em 2018 para o maior cargo político do Brasil, Jair Bolsonaro construiu sua história ao longo de 27 anos no Parlamento brasileiro com discursos e falas racistas, homofóbicas e misóginas. Mesmo os posicionamentos com teor extremista e radical ganharam espaço na cobertura da mídia mainstream brasileira. O artigo analisa a cobertura da temática de gênero sobre Bolsonaro pelos jornais Folha de S. Paulo e Estado de São Paulo para identificar se a grande mídia brasileira normalizou o discurso misógino e homofóbico do político no período de dez anos antes de sua eleição para a Presidência da República. O artigo também se propõe a fazer uma breve discussão sobre populismo e gênero, uma vez que radicais de extrema direita têm em comum os ataques aos homossexuais e às mulheres, contrários à igualdade de gênero em nível mundial.

Palavras-Chave: Bolsonaro. Mídia mainstream. Populismo.

Abstract: Elected in 2018 to the highest Brazilian political position in the country, Jair Bolsonaro has built his history over 27 years in the Brazilian Parliament with racist, homophobic, and misogynistic speeches. Even his extremist and radical positions have gained space in the Brazilian mainstream media coverage. The article analyzes the coverage of the gender theme about Bolsonaro by the newspapers Folha de S. Paulo and Estado de São Paulo to identify whether the Brazilian mainstream media normalized the misogynistic and homophobic speech of the politician in the ten-year period before his election to the Presidency of the Republic. The article also proposes to make a brief discussion about populism and gender since extreme right radicals have in common attacks on homosexuals and women with positions contrary to gender equality worldwide.

Keywords: Bolsonaro. Mainstream Media. Populism.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Mídia, Gênero e Raça da 9ª Edição do Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (9ª COMPOLÍTICA), realizado em formato remoto, de 24 a 28 de maio de 2021.

² Doutoranda no PPG da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB) e na Faculté de Lettres, Traduction et Communication da Université Libre de Bruxelles (ULB), em Cotutela. Mestre em Jornalismo e Sociedade pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: anagabiguerreiro@gmail.com

1. Bolsonaro, mídia e pânico morais

O presidente Jair Bolsonaro dedicou grande parte de sua carreira política, nos últimos 28 anos, para atacar e criticar homossexuais, mulheres e minimizar questões de gênero no Brasil. Durante o período em que atuou como deputado federal na Câmara dos Deputados, entre 1991 e 2018, Bolsonaro foi protagonista de uma série de discussões e polêmicas envolvendo a temática de gênero.

A fixação de Bolsonaro pelo tema se explica, segundo argumentos utilizados pelo próprio político, pela necessidade de preservar a sociedade brasileira da “influência” de homossexuais. As mulheres, de acordo com o pensamento bolsonarista, também devem priorizar o lar e a família, sem lutar pelos seus direitos individuais. Para compreender a importância desta temática no contexto da política brasileira, é necessário discutir o seu significado e entender a presença de Bolsonaro na mídia do país.

Na sua utilização mais recente, o termo “gênero” fez sua aparição inicial entre as feministas americanas que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo (SCOTT, 1990). Na aplicação mais simples, gênero seria sinônimo de “mulheres”. Mas a temática é mais abrangente. Scott defende que o gênero é uma construção sócio histórica, e não um dado da biologia ou da natureza para distinguir homem de mulher.

Ou seja: não se define o gênero de uma pessoa com base apenas no seu sexo de nascença. O contexto político-cultural tem influência direta nessa definição. O termo “gênero” também é utilizado para designar as “relações sociais entre os sexos”. Scott afirma que a palavra gênero se tornou uma forma de indicar ‘construções culturais’ – numa “criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres” (SCOTT, 1990).

A visão sobre a construção social do gênero surgiu com Simone de Beauvoir (1949), se estendendo até os dias de hoje. Guacira Lopes (1997) explica que o

conceito de gênero está ligado diretamente à história do movimento feminista contemporâneo. Desta forma, à medida que o movimento pela ampliação dos direitos das mulheres ganhou força ao redor do mundo, as implicações sobre o conceito de gênero também foram sofrendo mudanças.

Muitas mulheres deixaram a esfera doméstica e as tradicionais funções femininas (como fábricas e lavouras) para ocupar lugares públicos, trabalhando em atividades não antes imaginadas para o sexo feminino – como hospitais, escritórios e escolas. Os estudos feministas se fortaleceram e, mesmo sem incluir toda a diversidade necessária às mulheres, eles se firmaram como de fundamental importância para o fortalecimento do movimento mundo afora.

A definição do gênero humano passou a ser tratada com base na representação das características sexuais dentro do processo histórico aplicado a cada cidadão (CONNELL, 1995). As justificativas para as desigualdades não foram mais buscadas nas diferenças biológicas, mas sim nos arranjos sociais (LOPES, 1997, pg. 7). O termo “gênero” passou a ser aplicado como algo distinto dos papéis sociais atribuídos a homens e mulheres. Miguel (2016) afirma que gênero é um conceito construído socialmente, abrindo caminho para a discussão sobre homossexualismo e outras questões envolvendo a sexualidade, muitas delas protagonizadas no debate populista.

Com o passar do tempo, e sob a influência do movimento feminista, mulheres, negros e homossexuais brasileiros conquistaram avanços e conseguiram implantar políticas públicas direcionadas a esses segmentos. “Você pode ser o que você quiser” é o lema que rege tantas mulheres em busca da igualdade de direitos nos dias de hoje.

Em contrapartida, o acesso à cidadania e a ampliação dos direitos por parte desses grupos também acendeu reações conservadoras na sociedade brasileira, encampadas por políticos populistas de extrema direita. Muitos deles têm o apoio de

segmentos religiosos conservadores das Igrejas Católica/Evangélica, levando as discussões sobre as questões de gênero para o campo do discurso moral de valores.

O combate à “ideologia de gênero”³ se tornou nos últimos anos a principal bandeira de grupos conservadores no Brasil e no mundo, incluindo políticos populistas, como Jair Bolsonaro. O discurso tem como pano de fundo ações de combate às políticas de direitos sexuais das mulheres e comunidade LGBTQ+ levando em consideração o passado de ações repressivas, no Brasil, àqueles que se afastam dos padrões da heteronormatividade⁴, como a comunidade LGBTQ+ (ARAGUSUHU ET AL, 2019).

Políticos populistas vêm utilizando o que Romancini (2018) chama de “pânicos morais”, mirando a grande imprensa para fortalecer grupos conservadores e fundamentalistas no Brasil. Esses “pânicos morais” seriam temas específicos apresentados pelos políticos populistas numa tentativa de convencer a população de que determinados representantes da sociedade – caso eleitos – podem implementar medidas contrárias ao pensamento cristão, como o casamento homoafetivo.

No caso específico de Bolsonaro, a “ideologia de gênero” que estaria sendo adotada nas escolas do ensino básico brasileiro é um dos “pânicos morais” difundidos pelo político ao longo de sua carreira como forma de mobilizar a sociedade brasileira contra os direitos das minorias – especialmente, da comunidade LGBTQ+.

A mídia geralmente tem um papel importante na construção dos “pânicos morais” por amplificar as vozes dos atores interessados em promovê-los, como os políticos populistas. No caso de Jair Bolsonaro, suas posições extremadas, com amplo caráter midiático, estiveram presentes na imprensa brasileira ao longo da história política do parlamentar. Mesmo nos casos em que as ideias de Bolsonaro

³ O termo é aplicado no Brasil para definir iniciativas que buscam debater questões de ordem de gênero e orientação sexual em escolas. Há diversos projetos de lei em tramitação no Congresso Nacional, de autores membros da bancada evangélica, que tentam impedir professores de discutirem a temática de gênero com alunos nas escolas públicas no país (Miguel, 2016).

⁴ Aplicamos o termo heteronormatividade no conceito de Pino (2007) que enquadra todas as relações, mesmo as relações entre pessoas do mesmo sexo, em um binarismo de gênero que pretende organizar as práticas, os atos e desejos, com base no modelo do casal heterossexual reprodutivo.

extrapolaram o bom senso, a mídia deu espaço para o político, o que mostraremos ao longo desta discussão.

Esse debate mira o segmento mais conservador da sociedade alinhado com o pensamento antigênero e LGBT+. Os políticos da chamada “bancada evangélica” do Congresso Nacional incorporaram esses “pânicos morais” mirando o apoio de fiéis e religiosos. Com presença na mídia *mainstream*⁵, esses grupos políticos conseguiram nos últimos anos difundir o pensamento conservador para a sociedade brasileira, ecoando os estereótipos de gênero e ataques às minorias.

O discurso antiminorias acabou incorporado por parte da imprensa brasileira, numa espécie de “normalização” desse tipo de fala pela mídia *mainstream*, como ressaltam diversos estudos focados na análise do populismo no Brasil e no mundo, como será discutido neste artigo.

2. Mídia *mainstream*: reprodutora do pensamento de Bolsonaro?

Partimos da hipótese de que a mídia brasileira, em especial os jornais *Folha de São Paulo* e *Estado de São Paulo*, utilizaram mecanismos de normalização do discurso de Bolsonaro em sua cobertura diária, ajudando na difusão do pensamento conservador do político para a população brasileira antes de sua eleição para o cargo político máximo do país. No caso do atual presidente da República, essa reprodução dos temas pela mídia inclui a temática de gênero.

Diversos estudos feministas apontam que a mídia ecoa os estereótipos de gênero, reproduzidos de acordo com as rotinas produtivas dos meios de comunicação de massa e as perspectivas sociais dos jornalistas, definindo quais os temas e vozes constituem as notícias. A mídia brasileira utilizaria categorias de estereótipos femininos para transmitir à opinião pública uma imagem deturpada do gênero

⁵ Utilizamos aqui o conceito de mídia *mainstream* como referência à mídia comercial brasileira, também mencionada neste trabalho como grande imprensa ou grande mídia, da qual os jornais *Folha de São Paulo* e *Estado de São Paulo* fazem parte.

feminino, prática constantemente utilizada por Bolsonaro (BIROLI, 2010; MIGUEL, 2016).

É o caso do episódio em que Bolsonaro direcionou ataques à então deputada Maria do Rosário, do Partido dos Trabalhadores (PT), quando afirmou que não "estupraria" a parlamentar porque "ela não merece". Maria do Rosário não foi atacada por Bolsonaro apenas por ser mulher. Mas por ser do PT, ter poder de fala no Parlamento e no Supremo Tribunal Federal (ao ingressar com ação contra o político) e integrar a bancada feminina do Congresso Nacional. Tudo isso amplia a visibilidade aos ataques misóginos de Bolsonaro.

Outro alvo constante do político foi o deputado Jean Wyllys (PSOL-BA) que, por ser homossexual, se tornou voz opositora ao capitão militar no parlamento no período em que Bolsonaro ocupou uma cadeira na Câmara dos Deputados. Ao defender o direito dos gays e rebater as ofensas desferidas pelo então deputado, Wyllys se tornou outro alvo a ser combatido. Bolsonaro usava seus discursos de ódio para mirar toda a comunidade LGBTQ+, tendo Wyllys como pano de fundo.

Os ataques a Wyllys e aos homossexuais representam, segundo Lionço e Diniz (2008), claros exemplos de homofobia ao classificá-la como uma manifestação "perversa e arbitrária da opressão" e discriminação de práticas sexuais não heterossexuais ou de expressões de gênero distintas dos padrões hegemônicos do masculino e do feminino. Seriam expressões sociais da homofobia desde atos violentos de agressão física e restrição de direitos sociais até a imposição da exclusão social às pessoas cujas práticas sexuais não são heterossexuais – o que era conduta comum ao político.

Como homem público, Bolsonaro utilizou seu lugar de fala no parlamento para ganhar destaque na imprensa brasileira com suas falas misóginas e homofóbicas. Ao longo de sua carreira no parlamento, o político ganhou destaque pela mídia *mainstream* em diversos episódios de ataques contra gays, negros e mulheres - mesmo quando os discursos utilizaram retóricas extremistas.

Diversos autores trabalham como o conceito de normalização do discurso de políticos populistas pela grande imprensa, como Araújo e Prior (2020); Mitozo, Costa e Rodrigues (2020); Guazina, Prior e Araújo (2019); Mazzoleni, Stewart e Horsfield (2003); Bos, Brug e De Vreese (2011). Em comum, eles afirmam que o discurso e estilo de líderes populistas como Jair Bolsonaro atraem a atenção da mídia *mainstream* ao priorizarem a ruptura da normalidade.

O discurso populista reúne elementos da “lógica midiática” como a personalização, a dramatização de eventos mundiais, a emoção e a transformação de linguagem e eventos políticos em um espetáculo (PRIOR e ARAÚJO, 2020). Desta forma, os políticos populistas acabam chamando atenção da grande imprensa, o que se torna ferramenta positiva para a divulgação de suas ideias e pensamentos.

Mitozo, Costa e Rodrigues (2020) afirmam que os jornais brasileiros contribuíram para a ascensão da extrema direita ao poder. Os autores sustentam que a mídia *mainstream* utiliza enquadramentos que neutralizam as ameaças dessa retórica dos atores políticos à democracia. Ao normalizar os discursos de ódio, os veículos da grande imprensa teriam como prática tornar comum a difusão do pensamento de políticos extremistas mesmo quando as falas rompem a lógica democrática.

A retórica populista acaba obtendo uma “cobertura abrangente da mídia de massa, garantindo que os líderes populistas tenham um palco para legitimação da mídia” (PRIOR e ARAÚJO, 2020), o que optamos por classificar de “normalização” do discurso radical pela mídia *mainstream* brasileira.

Toda essa utilização pela mídia brasileira de estereótipos de gênero reproduzidos nas páginas dos jornais levanta a necessidade de compreender como a imprensa, no Brasil, normalizou e deu espaço para o pensamento de Bolsonaro a respeito deste tema – uma vez que o político se elegeu presidente da República em 2018 mantendo o mesmo viés ideológico e os “pânicos morais” de sua longa carreira no Congresso Nacional brasileiro.

Mesmo réu em ações judiciais, o político manteve seu discurso voltado contra as mulheres e a comunidade LGBTQ+, numa recidiva sistemática do seu comportamento ao longo dos anos, prática que integra a estratégia de políticos populistas (Mazzoleni et al, 2003). Desta forma, a mídia tradicional se tornou instrumento importante na construção do neopopulismo contemporâneo em vários países, em que os políticos incorporam discursos radicais em sua agenda através das notícias.

A normalização do discurso de líderes populistas significa a transmissão do seu pensamento pela mídia *mainstream* de forma natural, sem mecanismos capazes de contrapor ou mesmo contestar ideias radicais difundidas por esses políticos. Ao normalizar esse ponto de vista, a mídia contribui diretamente para o retrocesso na conquista dos direitos das mulheres, gays e comunidade LGBTQ+, na direção do que prega Bolsonaro e seus seguidores.

3. Metodologia aplicada

Para compreender o processo de normalização do discurso misógino e homofóbico de Bolsonaro pela mídia tradicional brasileira, selecionamos oito principais episódios envolvendo o atual presidente em polêmicas relacionadas à temática de gênero. O material integra estudo mais amplo que analisa a cobertura dos jornais *Folha de São Paulo* e *Estado de São Paulo* sobre Jair Bolsonaro nos dez anos anteriores à sua eleição para a Presidência da República em 2018.

O artigo não tem a pretensão de mostrar Bolsonaro como candidato, mas levantar como a mídia *mainstream* divulgou o político nos anos anteriores à sua eleição para a Presidência da República. Foi realizada uma análise de enquadramento desses episódios para compreender como a mídia *mainstream* brasileira dedicou sua cobertura a temas pautados pelo político.

Os episódios selecionados foram retirados das matérias da *Folha de São Paulo* e do *Estado de São Paulo* entre os anos de 2008 e 2018, somando dez anos antes da eleição presidencial que escolheu Bolsonaro para o cargo máximo do país - espaço

temporal que consideramos suficiente para mostrar a presença de um determinado personagem em um veículo midiático. Os dois jornais foram escolhidos por estarem entre os de maior impacto e circulação no Brasil, sendo ambos de São Paulo, o que viabiliza uma comparação entre os periódicos.

O período eleitoral não é o foco do estudo uma vez que seu objetivo é compreender como a mídia *mainstream* construiu Jair Bolsonaro em suas páginas impressas antes de sua candidatura ao Palácio do Planalto. A análise tem início no dia 01 de janeiro de 2008 e termina no dia 31 de julho de 2018, um dia antes do início oficial do período de campanha eleitoral, como determina a legislação brasileira.

Os oito episódios foram escolhidos por estarem entre os mais representativos envolvendo Bolsonaro na temática de gênero para ilustrar as polêmicas protagonizadas pelo político, reunindo 99 reportagens publicadas pela *Folha de S. Paulo* e o *Estado de São Paulo* que integram o *corpus* deste artigo. Deste total, 49 foram publicadas pelo jornal *Folha de São Paulo* e 50 pelo jornal *Estado de São Paulo*.

A seleção das reportagens ocorreu por meio de busca nos sites dos jornais com a expressão “Jair Bolsonaro” no período contemplado. A partir de um amplo banco de dados, que servirá de base para outras pesquisas, foram selecionados os textos relacionados à temática de gênero (todos os temas envolvendo mulheres, LGTS, homofobia, misoginia). Foram excluídas do *corpus* reportagens e artigos de opinião, assim como não foram incluídos textos no período eleitoral.

É importante ressaltar que os oito episódios não foram os únicos em que o político se envolveu dentro da temática de gênero, mas foram escolhidos como amostra suficiente para compor a presente análise.

1) Palmada muda “filho gayzinho”- 26/11/2010

Durante participação em um programa da TV da Câmara dos Deputados no dia 26 de novembro de 2010, Jair Bolsonaro defendeu que os pais deveriam dar “palmadas” em filhos gays para “consertarem” o seu comportamento.

2) Agressões contra a cantora Preta Gil em programa de TV - 30/03/2011

Ao participar de um programa de TV, Bolsonaro disse que não deixaria um de seus filhos namorarem uma negra porque isso seria “promiscuidade”. A fala de Bolsonaro promoveu diversas reações e resultou em penalidades previstas no Código Penal.

3) “Estou me lixando para os gays” - 31/03/2011

Em entrevista a jornalistas, pouco dias depois da polêmica com a cantora Preta Gil, Bolsonaro afirmou estar “se lixando” para os gays e os movimentos em defesa dos homossexuais.

4) Insinuações de que Dilma Rousseff seria homossexual – 24/11/2011

Bolsonaro ocupou o plenário da Câmara dos Deputados para fazer ataques à então presidente Dilma Rousseff, quando insinuou que a petista seria homossexual. “Se gosta de homossexual, assume’, disse o político na época.

5) Episódio do estupro com a deputada Maria do Rosário – 09/12/2014

Bolsonaro protagonizou o conhecido episódio em que afirmou que “não estupraria” a deputada Maria do Rosário porque “ela não merece”. O político ofendeu a colega de parlamento após a deputada defender a investigação de crimes militares.

6) Briga com o deputado Jean Wyllys – 17/04/2016

Durante a votação do impeachment da presidente Dilma Rousseff, Bolsonaro dirigiu insultos a Wyllys, provocando a reação do colega parlamentar com um cuspe. Wyllys respondeu a processo no Conselho de Ética da Câmara pelo cuspe.

7) Embate com a procuradora da República por racismo e homofobia – 22/04/2018

Os ataques racistas de Bolsonaro a uma comunidade quilombola em abril de 2017 resultaram em ação contra o político pela procuradora-geral da República, Raquel Dodge, que virou alvo de críticas do então parlamentar.

8) Ataques ao “kit gay” do Ministério da Educação – 12/04/2011 e eleições de 2018

Em um dos episódios mais conhecidos da sua carreira política, Bolsonaro liderou um movimento na Câmara dos Deputados contra o que chamou de “kit gay” produzido pelo Ministério da Educação (MEC) brasileiro durante o governo Dilma Rousseff.

Para cada uma das reportagens selecionadas no *corpus*, aplicamos a análise de enquadramento partindo de estudos realizados por Prior e Araújo (2019) que permitem observar como elementos retóricos do discurso populista são apropriados pelo discurso jornalístico. Os autores utilizam o conceito de enquadramento como uma “ordenação semântica da realidade”, com base em aspectos que ganham maior destaque em detrimento de outros, por meio da articulação de procedimentos retóricos de construção textual (PRIOR E ARAÚJO, 2019; TANKARD, 2001; GAMSON; MODIGLIANI, 1989; RIZZOTTO, PRUDENCIO E SAMPAIO, 2017).

Também utilizamos o modelo de Entman (1993) de enquadramento como uma atividade em que o ator (jornalista) enfatiza ou salienta determinadas partes da realidade. No caso de Bolsonaro, quando a mídia exalta o discurso populista do político de extrema direita, não apresenta contrapontos ao pensamento bolsonarista ou permite que o então deputado se coloque como o “bem” que combate os inimigos.

Dentro das funções de enquadramento (*framing*) propostas por Entman (1993), foram elencadas quatro categorias que compõem a análise. A partir delas, a pesquisa identificou como os jornais enquadraram as falas bolsonaristas e salientaram suas semelhanças e diferenças na cobertura realizada pela *Folha e Estadão*.

Rizzoto, Prudencio e Sampaio (2017) lembram que a aplicação de um *frame* não significa apenas dar mais notoriedade a determinados aspectos do texto. Ao citarem os estudos de Entman, os autores afirmam que enquadrar também implica na “omissão de alguns pontos”, ou seja, a reação dos receptores muda se eles buscam mais de uma fonte de informação, o que fornece enquadramentos distintos sobre o mesmo tema ou acontecimento (ENTMAN, 1993).

A tabela abaixo (TAB. 1) apresenta as categorias utilizadas na análise, levando em conta estudos de autores que se debruçaram nas questões de gênero e populismo

no jornalismo (DARDE E MORIGI, 2012; KANTOLA E LOMBARDO, 2020; PRIOR E ARAÚJO, 2020). Os *framings* foram aplicados em todas as matérias do *corpus* como metodologia da análise.

Tabela 1
Categorias da Análise de Enquadramento

Categorias	Descrição
Nós x Eles	Homossexuais e mulheres como alvos a serem combatidos por Bolsonaro, o “inimigo e mal” versus o “bom e o salvador”
Julgamento Moral	Comunidade LGBTQ+ e mulheres apresentadas como algo negativo, homofobia e misoginia/ou como conduta positiva
Atores políticos	Fontes presentes na notícia, quem tem voz no texto, incluindo Bolsonaro
Representação	Quais papéis as mulheres e a população LGBTQ+ representam: vítimas, algozes, desvio de norma, cidadãos

FONTE - A autora

Buscamos identificar o enquadre conflituoso no discurso do “Nós x Eles”, ou o “inimigo x o salvador”, quando Bolsonaro se coloca (ou seus aliados) como solução possível para combater o “mal” (inimigo) provocado pela comunidade LGBTQ+ ou mulheres. Também utilizamos o enquadramento do “julgamento moral” do homossexualismo como algo ruim, negativo. Da mesma forma, quando as mulheres ou negros são apresentadas como alvos a serem combatidos pelo político.

Outra variável utilizada, com base no modelo de Entman, foi a dos atores políticos. Elencamos os personagens que têm espaço de fala na notícia ou que tiveram suas declarações e/ou ações reproduzidas pelo jornalista no texto, ainda que de forma indireta. Esse critério é de fundamental importância, no caso analisado, para possibilitar a identificação das reportagens em que não há contrapontos ao pensamento bolsonarista, mesmo nos casos em que sua fala fere o bom senso e a democracia.

Por fim, também aplicamos a variável da representação de Entman para identificar no corpus quais a forma de apresentação das mulheres e da comunidade

LGBT+: como vítimas, algozes, cidadãos que fogem à “normalidade” ou têm “desvio de padrão” do modelo socialmente adotado no Brasil.

Com o objetivo de orientar a análise, formulamos duas hipóteses de trabalho que devem auxiliar na interpretação dos dados, elencadas abaixo:

- a) Os jornais Folha e Estadão normalizaram o discurso antigênero de Bolsonaro, contribuindo na difusão do pensamento misógino e homofóbico do político junto à população brasileira;
- b) Os jornais não apresentam contrapontos qualificados ao discurso populista de Bolsonaro, permitindo a sua fala com destaque na mídia *mainstream*.

Em estudo sobre as estratégias de políticos extremistas na União Europeia, Kantola e Lombardo (2020) lembram que a retórica utilizada por populistas de direita visa a construção de uma campanha contra a igualdade de gênero. Inicialmente, esses líderes promovem o conceito de “ideologia de gênero” como algo prejudicial à população, polarizando o discurso que atacam os direitos LGBT+, minimizam o conceito de violência de gênero e utilizam estratégias manipulativas e misóginas de autovitimização.

Populistas de direita radical usam, segundo as autoras, o gênero na lógica de oposição de 'nós' contra 'eles' dentro da narrativa que tem como objetivo apoiar os chamados valores “tradicionais” e a limitar os direitos à sexualidade, com populistas de direita radical interessados em moldar as relações de gênero. A igualdade de gênero se torna algo a ser combatido, polarizando os discursos políticos nos ataques à comunidade LGBT+. Também faz parte das estratégias desses políticos os discursos misóginos e estratégias de autovitimização.

No estudo da União Europeia, as autoras identificaram o enquadramento do “nós contra eles”, vitimizando as mulheres europeias e considerando as migrantes como ameaças à sociedade. Os populistas de direita, segundo mostra o estudo, também usam estratégias discursivas contra a igualdade de gênero, fazendo oposição

às políticas que promovem essa igualdade e apoiando valores tradicionais que limitam os direitos à sexualidade - num modelo similar ao adotado por populistas de direita no Brasil (KANTOLA e LOMBARDO, 2020, pgs 14 e 15).

4. Resultados alcançados

Os resultados obtidos com a análise de enquadramento nas 99 reportagens da *Folha* e do *Estadão* mostram que, de fato, ambos os jornais normalizaram o discurso de Jair Bolsonaro em suas páginas nos episódios da temática de gênero selecionados neste artigo. Ao optarem por priorizar a figura de Bolsonaro como alguém capaz de combater o “mal” promovido pelo homossexualismo, os jornais contribuíram diretamente na difusão dessa perspectiva para a população brasileira.

Na primeira categoria de *framing* (“Nós x Eles”), a ampla maioria das reportagens enquadrou os homossexuais e as mulheres como alvos a serem combatidos pelo “salvador” Bolsonaro. Mesmo em reportagens em que opositores de Bolsonaro atacaram a conduta do político, o parlamentar foi enquadrado como vítima, e não algoz da comunidade LGBTQ+, negros e mulheres.

É o caso do episódio envolvendo os ataques racistas à cantora Preta Gil. A *Folha* e o *Estadão* publicaram matérias com reações de políticos, artistas e autoridades contra o parlamentar. Os textos teoricamente desfavoráveis a Bolsonaro denotam o enquadramento favorável ao parlamentar. A *Folha* usou a expressão “declarações supostamente racistas” ao mencionar o episódio Bolsonaro *versus* Preta Gil.

Na mesma linha, o *Estadão* optou por destacar os ataques do deputado à cantora nos títulos e primeiros parágrafos das reportagens, incluindo as dedicadas à repercussão do incidente com opositores do parlamentar. A fala do parlamentar ocupa o *lead* e os primeiros parágrafos do texto, deixando as críticas de seus opositores para o fim - numa clara demonstração de priorizar a versão de Bolsonaro, como exemplificam as imagens abaixo (FIG. 2 e 3).



ESTADÃO Política

INMAYOR

Sem autorização, deputado cria novo andar em duplex e causa revolta em cond...

Teleférico do Alemão está em ruínas: promessa de transformação no Rio

Bolsonaro veta R\$ 200 milhões para vacina '100% brasileira' da USP

Saiba como ter uma vida digital mais segura

O presidente da OAB do Rio de Janeiro, Wadih Damous, protocolou na Câmara representação por quebra de decoro parlamentar contra o deputado federal Jair Bolsonaro (PP-RJ), na tarde desta quarta-feira, 30. O pedido de processo é em razão das **declarações de Bolsonaro ao programa CQC**, exibido na segunda-feira, 28, no qual classificou como 'promiscuidade' um filho seu se apaixonar por uma mulher negra.

Na terça-feira, 29, questionado sobre a repercussão da entrevista, o **deputado disse ter entendido errado a pergunta feita pela cantora Preta Gil**. "Eu entendi que a pergunta era se meu filho tivesse um relacionamento com gay, por isso respondi daquela forma", afirmou. No requerimento de sete folhas apresentado à Mesa Diretora da Câmara, a OAB-RJ considerou que as respostas violam leis e a Constituição Federal. "Além da esperada defesa de posições conservadoras por parte do representado (o que é legítimo direito seu), algumas de suas respostas extrapolaram a olhos vistos a liberdade de expressão", afirma o texto.

PUBLICIDADE

Máquina de cartão InfinitePay s920 com bobina + chip 3G e Wi-fi

Venda com as menores taxas do Brasil e recebe

FIGURA 1 – Reportagem do jornal O Estado de S. Paulo (30/03/2011)
FONTE – Site do jornal O Estado de S. Paulo

cotidiano folha ve

Deputados protocolam processo contra Bolsonaro na Câmara

DE SÃO PAULO

30/03/2011 16h52

Compartilhar 0 OUVIR O TEXTO Mais opções

Deputados protocolaram, na noite da última terça-feira (29), uma representação para que o deputado Jair Bolsonaro (PP-RJ) seja investigado pela Corregedoria da Câmara por quebra de decoro parlamentar, por causa de comentários supostamente racistas feitos por ele durante uma programa de televisão.

Bolsonaro reapresentou projeto sobre cotas
Não admito apologia ao homossexualismo, diz Bolsonaro
'Fui injustamente agredida', diz Preta Gil sobre Bolsonaro
Bolsonaro diz que está 'se lixando' para homossexuais
Congresso, gays e negros reagem contra declarações de deputado
Preta Gil quer processar deputado por comentário racista

PUBLICIDADE

alalaô
A FOLHA PÔE O BLOG NA RUA

PUBLICIDADE

ALALAÔ
Acompanhe toda a cobertura dos blocos, festas e desfiles do Carnaval 2018, desde os preparativos

A FEBRE

FEBRE AMARELA
Tire as dúvidas sobre formas de contaminação, principais sintomas e o processo de imunização

FIGURA 2 – Reportagem do jornal Folha de São Paulo (30/03/2011)
FONTE – Site do jornal O Estado de S. Paulo

Das 99 reportagens analisadas, 59 apresentam os homossexuais e mulheres como alvos a serem combatidos por Bolsonaro, que incorpora a figura do “salvador” nos textos. Em apenas 37 delas o político é retratado como algoz da comunidade

LGBT+. No total, quase 60% das reportagens vitimizam o político em episódios nos quais, claramente, Bolsonaro deveria ser condenado.

Os oito episódios analisados foram provocados pelo político de forma deliberada para proferir ataques à comunidade LGBT+ e mulheres, numa estratégia de políticos populistas de extrema direita (PRIOR e ARAÚJO, 2020). A polarização entre o “nós” e “eles” tem por objetivo dividir a sociedade em dois grupos antagônicos, uma vez que a ideologia do populismo considera a sociedade dividida em dois campos homogêneos - com a política sendo a expressão da vontade geral do povo (MUDDE e KALTWASSER, 2017).

Quando analisamos os números por veículo, percebemos que a *Folha* ainda superou o *Estadão* no *framing* de Bolsonaro como vítima, e não vilão - embora os resultados sejam parecidos entre os dois jornais. Em 32 reportagens, a *Folha* utilizou o enquadramento favorável a Bolsonaro, contra apenas 14 em que o político é retratado como algoz. No *Estadão*, os números são de 27 reportagens que representam o “personagem” Bolsonaro como o “mocinho” e 23 como o “bandido” que ataca gays, lésbicas e mulheres.

Na categoria julgamento moral, o cenário favorável a Bolsonaro se repete. Os jornais apresentam a comunidade LGBT+ e as mulheres com uma visão negativa, menor, difundindo práticas homofóbicas e misóginas propagadas pelo deputado. São 56 reportagens com essas características identificadas no corpus, enquanto em outras 38 há um repúdio imediato às falas de Jair Bolsonaro.

O episódio envolvendo os ataques misóginos à deputada Maria do Rosário exemplificam o enquadramento da *Folha* e *Estadão*. Bolsonaro dirigiu as ofensas à colega parlamentar durante discurso na tribuna da Câmara dos Deputados. Os jornais deram destaque à fala misógina em diversos parágrafos, com manifestações tímidas de deputadas em favor da parlamentar no final dos textos.

Outro aspecto importante a ser ressaltado na análise de enquadramento realizada no *corpus* é o dos personagens presentes em cada uma das reportagens. Os resultados das análises mostram que o político “fala sozinho” em grande parte dos textos da *Folha* e do *Estado de S. Paulo*. E mesmo nos casos em que possui contrapontos às suas ideias racistas, misóginas e homofóbicas, quem rebate suas falas na maioria das reportagens são parlamentares da oposição.

A presença de fontes qualificadas a dialogar com o pensamento bolsonarista nas páginas de ambos os jornais é muito tímida. Em apenas 12 reportagens, a *Folha* e o *Estadão* ouviram especialistas ou estudiosos capazes de apresentar contrapontos reais aos ataques de Jair Bolsonaro. Os deputados de oposição estão presentes em 48 reportagens, praticamente a metade do *corpus*.

Aliados do parlamentar aparecem em apenas 5 textos, o que denuncia a estratégia de Bolsonaro de ser voz isolada da extrema direita, sem dividir espaço com outros radicais capazes de se apresentarem como novos “salvadores” da nação brasileira - o que lhe garante hegemonia e liderança no grupo. Há ainda a presença de outras fontes em 24 matérias, como atores, opositores de Bolsonaro ou fãs do político, como mostra a figura abaixo (FIG. 3).

Atores Políticos

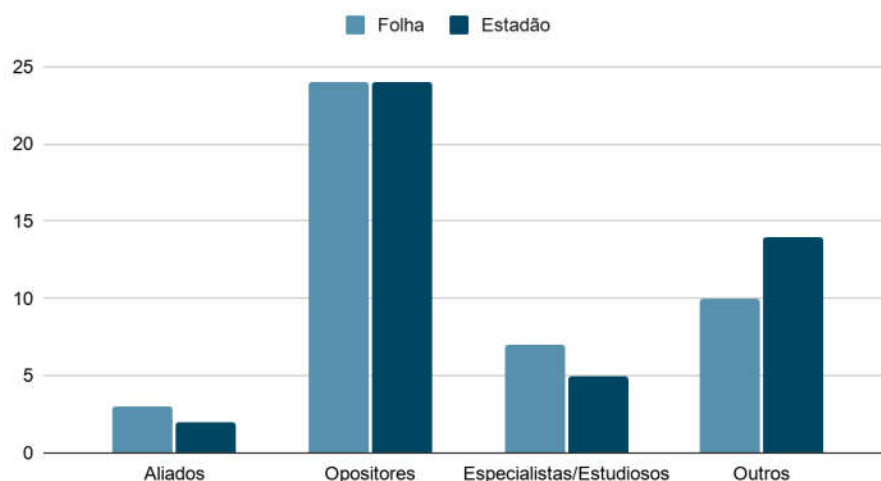


FIGURA 3 – Atores Políticos na Folha e Estadão
FONTE - A autora

O parâmetro de uso de fontes não especializadas é comum em todos os episódios analisados neste artigo. Quando Bolsonaro afirma que está “se lixando” para os gays, ou que a presidente Dilma Rousseff deveria “assumir seu homossexualismo”, o político apresenta suas ideias sem contestações profundas. Quando a retórica populista consegue ecoar na mídia, a percepção do público é influenciada por essas mensagens radicais (PRIOR e ARAÚJO, 2020).

A última categoria utilizada na análise do corpus, a representação das mulheres e LGBTs+ nas páginas dos jornais, traz conclusões semelhantes. Apesar de sofrerem ataques diretos de Bolsonaro nos textos, a análise de *framing* mostra que esses segmentos foram representados como algozes em 55 reportagens da *Folha* e do *Estadão*. Eles são colocados como vítimas de Bolsonaro em apenas 38 textos dos jornais.

Em 48 reportagens, as mulheres e homossexuais aparecem como pessoas com desvios de conduta (que fogem à “normalidade”), enquanto em 12 são apresentadas como pessoas comuns, integrantes da sociedade com os mesmos direitos e deveres dos demais cidadãos brasileiros. A fala homofóbica é protagonizada por Bolsonaro, mas replicada pela mídia *mainstream* de forma irrestrita.

A representação dos gays como um “desvio de norma” é um padrão predominante na cobertura dos jornais (DARDE e MORIGI, 2012). Estudo realizado pelos autores na análise de reportagens da *Folha* e *Estadão* sobre as representações dos gays nesses periódicos mostra que predomina o “desvio da norma”, baseado em doutrinas e ideologias religiosas que consideram a homossexualidade como pecado, anormalidade, doença e crime - retórica semelhante à utilizada por Jair Bolsonaro para se referir aos gays.

Nos oito episódios da temática de gênero selecionados neste artigo, o político adota o comportamento padrão de desqualificar os homossexuais e as mulheres, usando as representações de algozes e pessoas que fogem à normalidade. O enquadramento das reportagens mantém o viés de Bolsonaro, ecoando o pensamento radical e populista do político que, em 2018, elegeu-se para o cargo máximo do país repetindo sistematicamente seus ataques.

5. Considerações Finais

Os resultados da análise de enquadramento realizada neste trabalho, aliados à releitura dos conceitos de populismo e gênero, confirmam a hipótese de que os

jornais *Folha* e *Estado* normalizaram o discurso antigênero de Bolsonaro, contribuindo na difusão do pensamento misógino e homofóbico do parlamentar junto à população brasileira. Ao escolher esses segmentos como alvo preferencial, o político mirava apoio dos setores da sociedade que corroboram seu pensamento radical.

Os jornais contribuem na propagação de falas misóginas ou homofóbicas com enquadramento favorável ao pensamento do político radical de direita quando divulgam esse pensamento, como apontam diversos os estudos sobre populismo (MAZZOLENI, STEWART e HORSFIELD, 2003; PRIOR e ARAÚJO, 2020; WAISBORD, 2018; GERBAUDO, 2018). Com esse comportamento, a mídia *mainstream* ajuda na disseminação de mensagens populistas, concedendo uma espécie de “legitimação” por parte da imprensa dentro dos padrões construídos por líderes populistas (PRIOR e ARAÚJO, 2020).

Aliada a essa característica, a mídia *mainstream* brasileira tem como prática destacar fatos que rompem com a normalidade em busca de audiência. O discurso radical, extremado e politicamente incorreto de líderes populistas como Jair Bolsonaro se encaixa perfeitamente na demanda midiática, tornando constante e maior a sua participação nas páginas dos jornais, revistas e demais veículos midiáticos do país.

Com pleno conhecimento dessa característica da imprensa, políticos populistas como Bolsonaro incorporam com profissionalismo o discurso espetacularizado, com falas extremistas e preconceituosas, despertando o interesse dos jornalistas. O parlamentar soube “vestir” o estilo político-populista-radical-de-direita que inclui

discursos políticos "baixos", de "más maneiras", com o uso de gírias, palavrões e xingamentos (KANTOLA e LOMBARDO, 2020).

Jair Bolsonaro não se destacou pelas propostas legislativas apresentadas nos 27 anos em que ocupou uma das cadeiras do Parlamento brasileiro, nem mesmo por ter liderado a votação de propostas essenciais à democracia. Mas pelo seu comportamento radical que, em 2018, ecoou junto à maioria do eleitorado com apoio indireto da mídia *mainstream* do país se utilizando de ataques homofóbicos e misóginos.

Os resultados da análise também confirmam a hipótese levantada no início deste trabalho de que os jornais não apresentam contrapontos qualificados ao discurso populista de Bolsonaro, permitindo a sua fala com destaque na mídia *mainstream*. Ao optar por deixar o deputado sem contrapontos nas reportagens, ou selecionando seus opositores diretos na Câmara como as fontes qualificadas para rebater o pensamento do político, a *Folha* e o *Estado* também acabaram por exaltar o pensamento bolsonarista.

Serão desenvolvidos estudos mais aprofundados sobre o tema que poderão apontar de forma complexa a dinâmica que permitiu o uso, pelo político, da mídia *mainstream* ao seu favor nos últimos anos. O recorte dos oito episódios da temática de gênero protagonizados por Bolsonaro nos mostram que, ao dar ênfase a determinadas falas do político, *Folha* e *Estado* se apropriaram de elementos retóricos do discurso populista.

O pensamento misógino e homofóbico propagado por políticos de extrema direita no Brasil e no mundo tem como pano de fundo a oposição à igualdade de gênero e à ampliação dos direitos às mulheres e comunidade LGBTQ+. Ao concentrar os debates sobre gênero em ataques e no questionamento de políticas favoráveis a esses segmentos, os radicais de extrema direita desviam a atenção da questão principal: a ampliação de políticas favoráveis às mulheres e homossexuais.

6. Referências Bibliográficas

ARAGUSUKU, H; AGUILAR, F; FRACCAROLI, Y; MARTINS, A. **Estado, políticas sexuais e cidadania LGBTQ no Brasil pós-impeachment**. Revista Brasileira de Estudos da Homocultura, v. 2, n. 4, 2019.

BEAUVOIR, S. **O segundo Sexo: fatos e mitos**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.

BIROLI, F. **Teorias Feministas da Política, empiria e normatividade**. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, (102), 173-210, 2010.
Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-173210/102>

BOS, L; BRUG, W; DE VREESE, C. **How the Media Shape Perceptions of Right-Wing Populist Leaders**. Political Communication, 28:2, 182-206, 2011.
DOI: [10.1080/10584609.2011.564605](https://doi.org/10.1080/10584609.2011.564605)

CONNELL, R. **Masculinities**. Cambridge: Polity Press, 1995.

DARDE, V; MORIGI, V. **Diversidade Sexual no Jornalismo Brasileiro: um estudo sobre as representações da população LGBTQ nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo**. Brazilian Journalism Research, v. 8, n. 1, 2012.

ENTMAN, R. **Framing: Toward clarification of a fractured paradigm**. Journal of Communication, v. 43, n. 4, p. 51-58, 1993.

GAMSON, W; MODIGLIANI, A. **The Changing Culture of Affirmative Action**. Research In Political Sociology 3: 137–177. London, 1989.

GERBAUDO, P. **Social Media and Populism: An Elective Affinity?** Media, Culture & Society 40 (5): 745–753, May 08. Sage Publications, 2018.

GUAZINA, L; PRIOR, H; ARAÚJO, B. **Framing of a Brazilian Crisis: Dilma Rousseff's Impeachment in National and International Editorials.** Journalism Practice, 13:5, 620-637, 2019.
DOI: [10.1080/17512786.2018.1541422](https://doi.org/10.1080/17512786.2018.1541422)

KANTOLA, J; LOMBARDO, E. **Strategies of right populists in opposing gender equality in a polarized European Parliament.** International Political Science Review. November, 2020.
DOI: [10.1177/0192512120963953](https://doi.org/10.1177/0192512120963953)

LIONÇO, T; DINIZ, D. **Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual.** Psicologia Política, 8(16), 307-324, 2008.

LOPES, G. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ, Vozes, p. 14-36, 1997.

MAZZOLENI, G; STEWART, J; HORSFIELD, B. **The Media and Neo-populism: A Contemporary Comparative Analysis.** Westport, Conn: Greenwood Publishing Group (Praeger Series in Political Communication), 2003.
Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&site=eds-live&db=edsebk&AN=125483>.

MIGUEL, L. F. **Da "doutrinação marxista" à "ideologia de gênero" - Escola Sem Partido e as leis da mordaza no parlamento brasileiro.** Revista Direito e Práxis, [S.l.], v. 7, n. 3, p. 590-621, 2016.
Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/25163>.

MITOZO, I; COSTA, G; RODRIGUES, C. **How do traditional media incorporate statements from political actors in social media?** Brazilian Journalism Research, v. 16, n. 1, 2020.

MUDDE, C; KALTWASSER, C. **Populismo: uma brevíssima introdução.** Lisboa: Gradiva, 2017.

PINO, N. **A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos desfeitos.** Cadernos Pagu, v. 28, p. 149-174, jan./jun. 2007.

PRIOR, H; ARAÚJO, B. **Media e Populismo: Enquadramentos das imprensas brasileira e estrangeira na eleição de Jair Bolsonaro.** Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Jornalismo Político do VIII Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política. Brasília: Universidade de Brasília, 2019.

_____. **Framing Political Populism: The Role of Media in Framing the Election of Jair Bolsonaro.** Journalism Practice, 15(5):1-17, 2020.
DOI: <https://doi.org/10.1080/17512786.2019.1709881>



RIZZOTTO, C; PRUDENCIO, K; SAMPAIO, R. **Tudo Normal: a pauta antipolítica no enquadramento multimodal da cobertura do impeachment de Dilma Rousseff**. In: XXVI Encontro Anual da Compós - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 6 a 9 de junho de 2017, Faculdade Casper Líbero, São Paulo. Anais [...] São Paulo: COMPÓS, 2017.

ROMANCINI, R. **Do “Kit Gay” ao “Monitor da Doutrinação”: a reação conservadora no Brasil**. Contracampo, Niterói, v. 37, n. 02, 2018.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, v. 16, n. 2, Porto Alegre, 1990.

TANKARD, J. **The Empirical Approach to the Study of Media Framing**. In Framing Public Life: Perspectives on Media and our Understanding of the Social World, edited by S. Reese, O. Gandy, and A. Grant, 95–106. London: Lawrence Erlbaum Associates, 2001.

WAISBORD, S. **The Elective Affinity Between Post-Truth Communication and Populist Politics**. Communication Research and Practice 4 (1): 17–34, 2018.